



Só a pecuária precisa de 10,1 bilhões a 10,4 bilhões de metros cúbicos de água ao ano para manter o rebanho

O agronegócio brasileiro está usando uma parcela significativa da água do país para produzir carne e soja.

Só a pecuária precisa de 10,1 bilhões a 10,4 bilhões de metros cúbicos de água ao ano para manter o rebanho. Esse volume, vindo de rios e aquíferos, é maior do que o utilizado pelas populações dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e Paraná e do Distrito Federal somadas, que é de 7,8 bilhões de m<sup>3</sup>.

Já as lavouras do principal grão exportado pelo Brasil consomem de 188 bilhões a 206 bilhões de m<sup>3</sup> de água anualmente --ou sete vezes a capacidade da represa da usina hidrelétrica de Itaipu, de cerca de 29 bilhões de m<sup>3</sup>. Praticamente todo esse montante é proveniente de água da chuva, com a irrigação respondendo por aproximadamente 8% do total (0,96 bilhão a 1,7 bilhões de m<sup>3</sup>).

Os números são de uma nova análise da Trase, iniciativa que rastreia cadeias produtivas, e se baseiam em bancos de dados da plataforma Mapbiomas e da ANA (Agência Nacional de Águas e Saneamento). A pesquisa considera o período de 2015 a 2017, escolhido por representar a melhor qualidade e a compatibilidade dos dados necessários.

O setor agrícola é o maior usuário de água doce do mundo, representando 70% dos 4 trilhões de m<sup>3</sup> utilizados pela humanidade em 2020, de acordo com o Relatório Mundial das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento dos Recursos Hídricos.

“Queremos mostrar justamente o nosso uso indireto de água, aquele consumido através de produtos”, explica Michael Lathuillière, pesquisador sênior do Instituto de Meio Ambiente de Estocolmo,

# O gasto exagerado de água da carne e soja brasileira

## Estudo mostra que setor gasta mais do que a soma de SP, RJ, BA, PR e DF

um dos autores do estudo. “O Brasil, de certa forma, está exportando recursos hídricos.”

O estudo da Trase calcula o nível de dependência dos maiores exportadores de soja e carne bovina de cada uma das 12 regiões hidrográficas do Brasil.

“Os grandes exportadores têm essa posição interessante na cadeia produtiva e podem começar a avaliar não somente a sua dependência dos recursos hídricos ao longo da cadeia, mas também os riscos que podem correr com a falta de água em alguns lugares do Brasil”, diz o cientista.

Segundo a análise, os quatro maiores comerciantes de carne bovina do país --JBS, Minerva, Marfrig e Mataboi Alimentos-- dependem principalmente das bacias Paraná (28%), Tocantins-Araguaia (26%) e Amazônica (23%), sendo que 23% da produção está em outras bacias.

A maior parte da água associada à pecuária não é diretamente consumida pelos animais. O gado normalmente mata a sede por meio de pequenos reservatórios,

de onde uma grande quantidade de água evapora, representando dois terços de toda a água utilizada na produção.

Como resultado dessa perda, menos água fica disponível para outros usos a jusante, como seres aquáticos, ecossistemas, consumo doméstico ou industrial e produção de energia.

Já os cinco maiores comerciantes de soja do Brasil --Bunge, ADM, Cargill, Louis Dreyfus e Cofco-- necessitam principalmente da bacia do rio São Francisco para o abastecimento da soja irrigada.

Na prática, isso significa que essas cadeias produtivas, altamente concentradas na Amazônia e no cerrado, estão suscetíveis ao fenômeno da escassez hídrica --que já atinge o país e tende a se intensificar sem uma transição ecológica da economia.

Não apenas por causa da crise climática, que nas próximas décadas deve mudar padrões de chuva e fazer boa parte do país perder água, mas também pelo avanço do desmatamento.

Um estudo de 2024 mostrou que o desequilíbrio climático provocado pelo desmate gerou um prejuízo de US\$ 1,03 bilhão (cerca de R\$ 5,8 bilhões) na produção de soja e milho na Amazônia de 2006 a 2019.

Isso porque a destruição da floresta impacta o clima da região. Desde 1980, há um atraso na chegada da temporada de chuvas e redução no volume anual, além de aumento nas temperaturas.

No cerrado, uma pesquisa publicada em junho passado mostrou que a vazão dos rios diminuiu 27% desde a década de 1970. A perda corresponde a 30 piscinas olímpicas por minuto que deixam de fluir pelos corpos d'água. Também houve redução de 21% nas chuvas no bioma.

A escassez de fontes de água superficial e subterrânea pode afetar tanto o gado quanto a soja irrigada devido à redução no fluxo de rios ou níveis de aquíferos, mas também devido à competição por recursos hídricos nas regiões em que estão instaladas.

Segundo o estudo, a experi-

ção à escassez hídrica das principais empresas exportadoras de carne é bastante concentrada. Das companhias analisadas, apenas a Marfrig não está sujeita a um nível crítico de falta de água na bacia do São Francisco. No entanto, um terço das exportações do frigorífico está exposto a um nível alto de escassez nas bacias do Atlântico Sul e Uruguai.

“Há uma questão em relação às outorgas de captação de água no Brasil, em que muitos reservatórios são construídos sem autorização”, afirma Lathuillière. “Há um problema político e de gestão nas fazendas.”

Já no caso da soja, que é muito dependente da chuva, as condições climáticas têm um grande impacto.

Os principais exportadores do grão no Brasil obtêm a maior parte da sua produção de regiões com uma probabilidade de seca de 10% a 20%. O quadro mais crítico, de acordo com a pesquisa, é a Bunge, que tem mais de um terço da sua produção em municípios com chance de estiagem superior a 20%.

O estudo propõe possíveis caminhos para abordar a dependência de recursos hídricos dos grandes produtores de commodities.

“Exportadores, governos e financiadores têm um papel a desempenhar. Desde o estabelecimento de metas para o uso da água na cadeia de suprimentos e a melhoria dos relatórios até o alinhamento de políticas e crédito com o uso sustentável da água, a ação coordenada pode reduzir os riscos”, diz o documento.

Os pesquisadores também ressaltam que é essencial expandir a transparência da cadeia de suprimentos para questões ambientais além do desmatamento, incorporando indicadores de uso da água para um comércio mais sustentável.

Por Jéssica Maes (Folhapress)